



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



UME JOSÉ BONIFÁCIO

ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA CII T4

PROFESSORA LÍGIA

Miguel não caiu. Miguel foi empurrado.

Se um coração bate aí dentro, não é pra você continuar bem ou indiferente depois de saber o que aconteceu com Miguel, menino de 5 anos que morreu ao cair do nono andar de um prédio no Recife, enquanto procurava pela sua mãe, Mirtes.

E já nem era para estar depois das mortes de Ágatha e do João Pedro, também crianças que perderam a vida depois de serem atingidas por disparos de armas policiais, igualmente responsáveis por assassinar o músico, Evaldo Souza, e o catador de material reciclado, Luciano Macedo, com "acidentais" 80 tiros no ano passado -- pra não dizer tantos outros casos.

Só que Miguel não morreu pela brutalidade da força policial. E, acreditem, não foi pela negligência da patroa Sari Côrte Real, que não teve a paciência para cuidar do filho de sua funcionária por alguns minutos e, assim, conduzi-lo para o caminho que destinou à morte da criança.

Porque não foi um caso isolado. Foi uma coisa montada, construída.

Miguel morreu pela existência de uma estrutura no Brasil que faz uma mulher negra, quase que na obrigatoriedade de uma lei,

passar com o cachorro da patroa, enquanto a patroa livra-se da responsabilidade de cuidar filho da mulher negra com a mesma indiferença que descartamos um objeto de lixo.

Por uma estrutura que, mesmo em tempos de pandemia e isolamento social necessário, obrigou Mirtes a continuar limpando o chão dos patrões, mesmo depois do marido de Sari, o prefeito de Tamandaré, Sérgio Hacker (PSB), ter afirmado que testara positivo para a Covid-19.

Por uma estrutura que obrigou Mirtes a levar o filho para o trabalho porque as creches e escolas estão fechadas e ela não teria com quem deixá-lo. Miguel morreu porque, no Brasil, 20 mil reais é o preço que uma pessoa rica paga para responder em liberdade depois de tirar o futuro de uma vida negra. Miguel caiu do nono andar porque a burguesia despreza as classes pobres. Não as toca. É indiferente, tira sarro e é insensível às vidas que não pertencem ao mundo dela e que não circulam nos mesmos espaços, senão as que estão ali para servi-la.

Uma burguesia que ama se autopromover como humanitária com doações e trabalhos voluntários, mas que torce o nariz para programas sociais do Estado e não vota em governos que propõem planos para diminuir a miséria, a pobreza e a fome.

Não são todos assim, obviamente.

Mas sei que existem pessoas que funcionam desse jeito, porque cresci, vivi, vivo e convivo nos biomas das classes média e rica. Já dei risada, joguei bola, estudei, trabalhei e sentei na mesma mesa que elas para comer, e conheci muita gente parecida com a Sari que minha cabeça construiu.

Só que mesmo vivendo sempre nesse ambiente, não tenho todas as respostas para as perguntas que eu comecei a fazer de uns anos

pra cá. E uma delas é: por que os ricos, no bálamo de uma vida privilegiada e confortável, têm tanto ódio?

Ódio a quê? E ódio a quem?

Por uma criança de 5 anos que, dentro de um repertório de linguagem ainda em construção, só tentava expressar o desejo de estar perto de sua mãe?

Eu não sei.

E um, ou vários dele, empurrou Miguel.

Mas sei que esse ódio, racista e muito brasileiro, existe e tem muitos braços -- na polícia, na presidência, na sociedade civil.

#JustiçaPorMiguel

(Caio Possati Campos)

<https://blogdojuca.uol.com.br/2020/06/miguel-nao-caiu-miguel-foi-empurrado/>

01) Justifique o título dado ao texto, posicionando-se sobre ele:

02) Por que o texto é um artigo de opinião?

03) No que a morte de Miguel difere das outras mortes citadas no texto?

04) Justifique as aspas utilizadas no segundo parágrafo do texto:

05) O que significa a expressão "torcer o nariz"?

06) Copie do texto uma passagem que revela uma incoerência da burguesia, explicando sua escolha:

07) Por que você acha que os ricos, em geral, têm ódio dos pobres?

08) Como solucionar essa problemática? Explique:

09) Que mensagem o texto transmite?



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



UME JOSÉ BONIFÁCIO

ATIVIDADE DE ARTES

PROFESSOR: JOSÉ ROBERTO BARBOSA

Componente Curricular: ARTE / Ano: C-II - T4

Linguagem: Artes Visuais / Habilidade: (EF69AR06)

Fontes: <https://laart.art.br/blog/alfredo-volpi>
https://www.google.com/amp/s/iphotochannel.com.br/direito_autoral-2/o-que-e-releitura-e-o-que-e-plagio-em-arte-e-fotografia%3famp

RELEITURA - BANDEIRINHAS DE ALFREDO VOLPI

Alfredo Volpi nasceu no dia 14 de Junho de 1896 em Lucca , na Itália, mas, ainda criança, veio para São Paulo com os pais. Atuou como pintor decorador em residências de famílias da alta sociedade paulistana, fazendo pinturas em paredes e murais.

A atração por arte sempre dominou Volpi, desde criança até os seus últimos dias. O interessante é que o artista nunca procurou mestres de artes ou instituições de ensino.

Autodidata, tornou-se membro do Grupo Santa Helena nos anos 1940, onde conheceu o pintor paulista Ernesto De Fiori, que o influenciou de maneira decisiva.

Num processo típico de um pintor do Renascimento, fazia suas próprias tintas diluídas em uma emulsão de verniz e clara de ovo, em que ele adicionava pigmentos naturais purificados (terra, ferro, óxidos, argila colorida) ressecados ao sol.

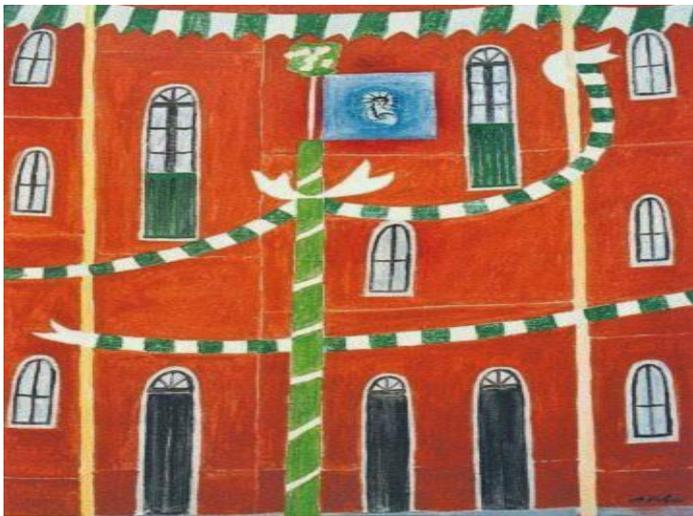
Volpi explorou as formas e composições de cores com grande impacto visual. Nos anos 50 traçou seu caminho no campo do abstracionismo geométrico, período em que começou a pintar suas famosas bandeirinhas de festa junina, uma fase que é considerada a sua maior contribuição para a arte brasileira moderna. A ideia de usar bandeirinhas, aconteceu quando ele

esteve em uma festa junina em Itanhaém-SP e visualizou a textura do forto delas e dos mastros listrados que suportavam a cobertura de lona.

Alfredo Volpi só pintava com a luz do sol e se envolvia totalmente com a criação de sua obra. Depois de dominar a técnica da têmpera com clara de ovo, o artista nunca mais usou tintas industriais - "Elas criam mofo e perdem vida com o passar do tempo", dizia. Participante de várias exposições e protagonista de algumas, Volpi é considerado um dos principais artistas da Segunda Geração da Arte Moderna Brasileira, foi um dos mais destacados membros do Grupo Santa Helena e dentre suas principais conquistas, está o prêmio de Melhor Pintor Nacional na Bienal de Artes de 1953.

Com uma vida dedicada à arte, Alfredo Volpi morreu no dia 28 de Maio de 1988, aos 92 anos, deixando um incentivo e um legado que é lembrado nos quatro cantos do país.





RELEITURA

A releitura da obra de arte é um exercício e de criatividade. Não devemos confundir a releitura com cópia. A releitura se sustenta na premissa de outra interpretação, de outro jeito de ver e de sentir. Reler uma obra pode ser um exercício artístico.

Atividade - Desenho

Faça um desenho com lápis comum e depois pinte com lápis de cor, de uma das pinturas acima, do pintor Alfredo Volpi.

Uma releitura é feita, escolhendo-se um quadro e fazendo-o do seu jeito, com algo diferente que dê o "seu toque" na obra.

Você pode por exemplo, mudar algumas formas do desenho, usando a ideia principal de fundo, transformar a obra numa brincadeira com acontecimentos de hoje ou usar as mesmas formas e traços com cores diferentes. Você também pode transformar quadrados em círculos, retângulos em triângulos. Você também pode transformar casas em carros, portas em janelas. Uma bandeirinha pode se transformar num objeto, num animal ou vegetal.

Escreva seu nome nesse na folha desse trabalho, fotografe e nos mande, ou entregue na escola.